

Prof. João Baptista Borges PEREIRA

Quero agradecer aos organizadores deste evento, desta mesa-redonda, por haver me convidado a participar desta homenagem ao Prof. Pasquale Petrone, dando-me oportunidade de encontrar meus colegas, alunos de Geografia e, acima de tudo, de poder falar a respeito do Prof. Pasquale.

Confesso que não sei se estou no campo da História ou da Memória. A verdade é que ainda estou num tempo muito atual. Para mim, pelo menos, a impressão é a de que o tempo ainda não passou. Diria que a presença do Prof. Pasquale Petrone em minha vida acadêmica pode ser, de certa maneira, balizada dentro de três instantes: enquanto estudante de Ciências Sociais; em seguida, o meu contato com ele prosseguiu quando passei a assistente nesta Universidade até a minha Livre-Docência; posteriormente, quando o tive como meu colega de Congregação e de outros colegiados.

Como meu professor, Pasquale Petrone fazia uma admirável dupla com a Profa. Nice Lecocq Müller; logo na entrada, aqui no saguão da Maria Antônia, à direita, numa saleta que era usada por ambos e pelos professores Diva Benevides Pinto e Francisco Camargo. Essa referência é, na minha opinião, importante, porque os alunos, meus colegas, muito sensíveis a qualquer diferença, mostravam-se muito preocupados em caracterizar os professores e logo começaram a estabelecer uma diferença entre o professor que falava apaixonadamente, com gestos largos, acompanhando com precisão as palavras, e aquele professor que falava desapaixonadamente, com gestos que não correspondiam muito às palavras.

João Baptista Borges Pereira

O Prof. Petrone estava na primeira categoria. Quer dizer, aquele professor que nós conhecíamos como sendo o professor que falava com muita paixão da sua matéria, que usava gestos largos, porém precisos, acompanhando a sua didática ao expor suas aulas. Eu, que viera (vou dar minha experiência) do ensino secundário com uma grande resistência à Geografia que conhecera, confesso que entrei para assistir às aulas do Prof. Pasquale Petrone e da Profa. Nice Lecocq Müller com absoluta falta de vontade. Imaginava que iria continuar com aquela Geografia que me causava e me causa, ainda hoje, certa repulsa. E encontrei aulas de uma Geografia extremamente atraente. De uma Geografia que nos cativou a todos, e a mim particularmente. E, de repente, eu que andava muito preocupado com trabalhos de Psicologia Social, principalmente com os trabalhos orientados pelo Prof. Otto Kleineberg, em que esse autor relacionava o complexo língua/pensamento ao ecúmeno, à paisagem, comecei a me entusiasmar com isso, a perceber nas aulas do Prof. Pasquale Petrone um sentido dentro da Geografia, que eu não havia percebido até então. E daí a aceitar a Geografia, incorporá-la como sendo uma matéria importante para a minha formação, foi um passo muito rápido.

Lembro-me que a saudosa Profa. Gioconda Mussolini sempre me dizia que admirava dois professores desta Faculdade, de um modo muito especial. Um deles era o Prof. Pasquale Petrone, porque ele conseguia realmente aliciar alunos para a Geografia, despertar vocações, o que eu acho excepcional, e fazer com que eles se apaixonassem pela matéria de tal forma que começavam a revalorizar, dentro das Ciências Sociais, o campo da Geografia, neste caso, da Geografia Humana.

Essa foi a impressão que me ficou do Prof. Pasquale Petrone enquanto professor de Geografia. Alguém que conseguiu me convencer de que Geografia era uma matéria muito atraente, chegando a colo-

car-me numa situação de dúvida sobre que carreira seguir: se a Sociologia ou a Geografia, através da Geografia Humana. Só que, nesse meio-tempo, entra a Antropologia, que me permitiu, de certa forma, ficar próximo da Geografia Humana, sem abandonar a Sociologia.

Nunca perdi de vista, evidentemente, o Prof. Pasquale Petrone e muito menos deixei de lado as lições que tive com ele, as suas experiências contadas em classe. Mas, quando entrei para o ensino superior, na UNESP, ou o que seria posteriormente a UNESP, lá na Faculdade de Filosofia de Presidente Prudente, assumi a cadeira de Antropologia e Etnologia no Brasil.

Naquela Instituição, para minha surpresa absoluta, passei a ser de imediato chefe do Departamento de Geografia, porque esta função era exercida por rodízio. De repente, vi-me chefiando geógrafos em Presidente Prudente.

A presença muito forte lá era de dois professores – o Prof. Araújo e o Prof. Petrone. Esses eram os gurus de meu colegas, entre os quais estavam o Titarelli, que veio aqui para a USP, Alvanir de Figueiredo, Fernando Fonseca Salgado, que, se não me engano, foram seus orientandos.

Pois bem, o Departamento de Geografia, que eu chefiava, era uma espécie de prolongamento do Departamento de Geografia da USP, através das figuras do Prof. Pasquale Petrone, e, evidentemente do Prof. Araújo.

A Geografia voltou a bater forte em mim, porque descobri o outro lado da Geografia. Era a Geografia meio aventureira, meio lúdica, muito trabalhosa, mas lúdica. Aquela Geografia das expedições, das escapadas de fim-de-semana, para saber se aquele morro, que o Prof. João Dias afirmara ser morro, lá no Pontal do Paranapa-

João Baptista Borges Pereira

nema, era morro ou era serra. Como antropólogo, adorava realmente essas expedições, só que quando chegava lá, não tinha coragem de escalar nem morro e muito menos serra. Armava minha rede e, junto com o Prof. Max Boudin, escolhíamos o melhor lugar do Pontal do Paranapanema, para admirar as centenas e centenas de borboletas, de todas as cores. De qualquer maneira, imperceptivelmente, fui-me impregnando de Geografia. A conversa era sobre Geografia, o referencial era Geografia, os meus interlocutores eram de Geografia. E o Pasquale Petrone estava lá, evidentemente, na voz dos seus orientandos.

Volto a São Paulo e começo uma nova carreira na Universidade de São Paulo, na cadeira de Antropologia. Na época, estava vivamente interessado em duas coisas. Primeira, no núcleo de colonização italiana de pós-guerra, situado a 550 km de São Paulo, nas margens do Rio Paranapanema. Era uma pesquisa de campo. Depois, em povoados indígenas, porque eu tinha recebido como missão da Cadeira de Antropologia fazer um trabalho junto aos índios do litoral de São Paulo.

O Prof. Schaden, meu catedrático, me mostrou a outra faceta do Prof. Pasquale Petrone, que honestamente eu não conhecia, aquela revelada pela sua tese de livre-docência: “Leia a tese do Pasquale Petrone”, dizia-me Schaden, “porque lá você vai ter todas as informações a respeito deste assunto pelo qual você se interessa”. Conseguir essa tese foi um sacrifício. Consegui, mas com muita dificuldade. Se não me engano, o Prof. Schaden foi seu examinador. E ele tinha a tese, mas para usar uma expressão de minha terra, ele a *redicava* violentamente, e a gente só podia consultá-la na casa dele por que ele dizia: “Não sei se algum dia esta tese será publicada”. E completava com aquela voz, com aquele timbre inconfundível: “Por causa do autor”. Tudo bem. Então, conheci a tese de livre-docência do Prof.

Pasquale Petrone. E me tornei fã dessa tese, de tal maneira, que eu perseguia sempre o Prof. Pasquale Petrone, propondo-lhe que a publicasse.

Quando assumi a diretoria do IEB, havia um programa de publicações. Schaden, que havia sido o segundo diretor do Instituto me telefonou, recomendando-me: “Olha, o primeiro da pauta é a tese do Pasquale Petrone, mas pegue o homem a laço”.

Dias depois, encontrei o Prof. Pasquale Petrone no saguão do prédio de Geografia e História e novamente falei com ele. Ele disse: “Absolutamente. Deixe pra lá, algum dia, quem sabe”. E eu não consegui realmente convencê-lo a publicar esse trabalho, que, para a Antropologia, é um trabalho de inestimável valor. Sem falar, evidentemente, no que representa para a História e a Geografia. Neste ínterim, terminei meu trabalho de livre-docência, minha tese sobre Pedrinhas, que é um núcleo de italianos, e pedi encarecidamente ao CTA (Conselho Técnico Administrativo-FFLCH-USP), que indicava as Comissões Julgadoras, que incluísse o nome do Prof. Pasquale Petrone na minha banca.

Esperei aqui, neste mesmo salão, a resposta. O Prof. Rui Coelho chegou muito desconcertado e disse-me: “João Baptista, não consegui colocar o Pasquale Petrone, pois o colegiado aprovou os nomes dos Professores Fernando Altenfelder Silva e Cândido Procópio Ferreira de Camargo”. Decepcionado, disse-lhe: “Mas eu queria o Prof. Pasquale Petrone”. Ele respondeu-me: “A única coisa que eu posso fazer, se você tiver alguma restrição a estes dois nomes, é pedir revisão do CTA”. Respondi-lhe: “Não, não faço restrição ao nome de nenhum desses professores, mas na verdade eu continuo querendo o Pasquale Petrone”. E assim fiquei sem o Prof. Pasquale Petrone na minha banca.

João Baptista Borges Pereira

Terminada a minha defesa e passado algum tempo, quis publicar o trabalho. Procurei o Pasquale Petrone e pedi-lhe que lesse o meu trabalho, lesse como geógrafo, como pessoa que eu admirava, com sua crítica, com sua capacidade de compreender os fenômenos de sua experiência de homem italiano.

Ele me pediu alguns dias. Leu meu trabalho e me devolveu. E para minha felicidade disse: “Olha, não tenho nenhuma restrição”. Quando ia deixando sua sala, ele me disse: “Um momentinho lá. Há dois pontos com os quais eu não concordo. Pedrinhas não é a continuação do revestimento florístico dos campos de Mato Grosso e não é transumância também”. Eu trabalhara com o conceito de transumância no uso da mão-de-obra nordestina. Ele insistiu: “Isto não é transumância”. Claro que levei em consideração essa crítica. Eliminei a transumância e coloquei “espécie de revestimento florístico”, como se pudesse agradar a gregos e troianos.

Mas esse estudo é profundamente impregnado de Geografia, uma Geografia que começou a me influenciar através do Prof. Pasquale Petrone. Ele está muito presente nas minhas reflexões, porque realmente só comecei a entender Geografia tal qual nós podemos aproveitá-la dentro da minha visão de mundo, a partir das aulas do Prof. Pasquale Petrone.

O tempo passou. Voltamos a nos encontrar na Congregação: ele como titular de Geografia e eu de Antropologia. E em todas as discussões, altamente polêmicas, eu esperava que o Pasquale Petrone desse sua opinião, porque ele era a voz forte da Congregação. Era a sua palavra que dava os rumos ao colegiado, a grande palavra, acatada pela Congregação. Petrone sabe, e meus colegas também, que ele foi sempre meu grande candidato a Diretor da Faculdade. Sempre fui seu eleitor, sempre votei nele, sempre lutei por ele. E, por razões que

ninguém sabe explicar, acabei sendo o diretor da Faculdade. Na minha primeira gestão, a primeira visita que recebo é a do Prof. Pasquale Petrone que, junto com o Prof. Araújo, vinha interceder para que quatro professores – dois dos quais se encontram neste salão, o Nelson e a Judith de la Corte – pudessem ter validados seus títulos de doutorado, que há quase 20 anos haviam sido defendidos junto à UNESP e não haviam sido reconhecidos pela Universidade de São Paulo, configurando-se na maior injustiça pelos quais a nossa Faculdade já passou.

Apoiado nas informações de ambos, negociei com o Prof. Goldenberg, em campanha eleitoral: ele teria o meu voto, se assumisse o compromisso de rever a questão. E, assim, esses quatro professores tiveram, depois de algum tempo, na gestão do Reitor Goldenberg, a reparação da injustiça. Aí estava a marca do lutador e idealista Prof. Pasquale Petrone.

De repente ele se aposentou (surpreendentemente, pelo menos para mim), ainda jovem, em plenas condições de dar o melhor que sempre pode dar. A partir de então, nossos encontros rarearam.

Veza ou outra encontrava-me com ele no *Istituto Italiano di Cultura*, onde, admitamos, não somos conselheiros assíduos. E nos encontrávamos, às vezes, também em nossa Faculdade.

Em compensação, com mais frequência, encontrava-me com a Profa. Maria Tereza Petrone, que está aqui conosco. E eu, invariavelmente, lhe perguntava: “E o *uomo*?” E ela também, invariavelmente, me respondia: “*Bene, benissimo!*”. Que assim seja, que assim continue sendo!
